



XII SEMINÁRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA URCA

Relato de Experiência

DESAFIOS E INFLUÊNCIAS POR TRÁS DA NÃO PARTICIPAÇÃO DE MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Beatriz Fernandes Garcia Andrade (URCA)¹, Franciele dos Santos da Silva (URCA)¹, Gabriela Alves de Moura (URCA)¹, Ana Clara Cassimiro Nunes² (URCA) e-mail: beatriz.fernandes@urca.br, franciele.santos@urca.br, gabriela.moura@urca.br, anaclara.nunes@urca.br.

¹Departamento de Educação Física, Discente/Universidade Regional do Cariri/URCA

²Departamento de Educação Física, Docente/Universidade Regional do Cariri/URCA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do Estágio Supervisionado, enfatizando as dificuldades e influências por trás da não participação de meninas nas aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental. O Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física foi realizado na E.E.F. Dom Quintino, localizado na Rua São Francisco, S/N - Pinto Madeira – Crato-CE, com carga horária de 54 horas/aula, no período de 13 de setembro a 08 de novembro. As atividades eram planejadas de acordo com cada turma e espaço que tínhamos, assim no 7º e 8º ano foi abordado futsal e 9º ano voleibol, com uma aula teórica em sala e uma aula prática. Conclui-se que este Estágio Supervisionado foi um momento único de uma vivência magnífica. Para tanto, houve boa aceitação e integração dos(as) alunos(as) com um despertar da criticidade e o desenvolvimento integral dos(as) estudantes.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Educação Física, Relações de gênero.

INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) é uma grande área curricular que abrange diversas práticas corporais. Na escola, essa disciplina não deve ser restrita apenas a alguns fazeres mecanizados, mas deve contemplar o papel de componente curricular obrigatório, o qual possui objetivos, metas, resultados e avaliação, sendo responsável por uma área do saber que contribui para formação integral dos sujeitos. Dessa forma, a EF deve ter como proposta, ideias e mudanças capazes de orientar e transformar a prática docente nas escolas, sendo comprometida com o processo de transformação social.

Na formação de professores de EF, dentre as inúmeras disciplinas que compõem a grade curricular do curso, sinalizamos as quatro disciplinas de Estágio Supervisionado. Sendo assim, pode-se entender que o estágio é o que Freire (1987) retrata quando faz menções em relacionar a teoria com a prática, ou seja, “somos seres do fazer, visto que o fazer é ação e reflexão. É práxis. É a transformação do mundo” (FREIRE, 1987, p. 121). Assim, diante de tantos desafios que se encontram a educação atual é de extrema importância pensar numa formação para a ousadia em transformar, em querer mudar.

Isso porque os professores que estão no âmbito escolar, cada vez mais, se deparam com as dificuldades estruturais, sociais e históricas que perpetuam na visão da EF. Mais precisamente nos anos finais do Ensino Fundamental, segundo Siqueira (2019), os alunos enxergam mudanças no componente da EF, isto é, uma “EF mais séria”, como mais aulas teóricas e menos brincadeiras. Tais expectativas causam ansiedade por participar



das aulas, mas também filtra a participação daqueles(as) que não se interessam pelas práticas esportivas, por exemplo.

É notório também uma baixa participação dos estudantes nas aulas de EF nos anos finais do Ensino Fundamental, e dentre os não participantes, o número de meninas sempre é maior quando comparado aos meninos. A não participação das meninas nas aulas nos anos finais do Ensino Fundamental, segundo Siqueira (2019) é reforçada pelos padrões e estereótipos de gêneros, e também pela repetição de conteúdos e práticas esportivas durante essas aulas, causando um desinteresse nelas, que se utilizam de roupa inadequada como justificativa para a não participação nas aulas.

Sendo gênero uma categoria relacional, há de se pensar sua articulação com outras categorias durante aulas de EF, porque gênero, idade, força e habilidade formam um "emaranhado de exclusões" vivido por meninas e meninos na escola (ALTMANN, 1998). Diante disso, não se pode concluir que as meninas são excluídas das aulas apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é somente o fato delas serem mulheres, mas também por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas. Tal fato reitera os estereótipos sociais destinados às mulheres, e as influências históricas que privilegiaram a competição e o esportivismo na EF escolar. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados mais fracos ou menos habilidosos, normalmente ficam nos bancos de reserva durante aulas e recreios, ou quando estão em jogo recebem a bola com menor frequência do que até mesmo algumas meninas (SOUSA; ALTMANN, 1999).

De modo geral, a relação de gênero que se estabelece socialmente no âmbito da EF escolar e todas as suas significâncias são postas em confronto permanente. Logo, os modelos que culturalmente idealizamos ou tentamos repassar como o ser absoluto, é muito mais que apenas uma visão de mundo. As diferenças entre homens e mulheres são bem presentes nesta fase da adolescência, identificando uma construção social que permeia esses laços e continua interligando as relações de gênero.

Portanto, partindo desse pensamento, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do Estágio Supervisionado, de modo a enfatizar as dificuldades e influências por trás da não participação das meninas nas aulas de EF nos anos finais do Ensino Fundamental. A perspectiva é de contribuir na melhoria da qualidade das aulas para as estudantes na EF Escolar, e tornar as questões sociais como pautas de discussão, abarcando a realidade social e cultural presente nas práticas corporais.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Campo de Realização do Estágio

O Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física foi realizado na E.E.F. Dom Quintino, localizado na Rua São Francisco, S/N - Pinto Madeira – Crato-CE, com carga horária de 54 horas/aula realizadas no período de 13 de setembro a 08 de novembro. As aulas foram desenvolvidas em uma turma do 7º ano com média de 35 alunos(as), uma turma do 8º ano em média 30 alunos(as) e 9º ano com a média de 30 alunos(as). Todas essas turmas tinham aulas e professor de Educação Física.

Período de observação

A primeira parte ocorreu mediante observação do campo de estágio durante uma semana, sendo realizada apenas em um dia, na quarta-feira à tarde, com as duas primeiras aulas no 8º ano, a terceira aula com o 9º ano e quarta e quinta aula com o 7º ano. Observou-se o plano de atividades escolhido pelo professor e as estratégias de ensino utilizadas para ministrar suas aulas. Desse modo obtivemos uma visão do cotidiano da escola, incluindo horários e atividades programáticas, como também quantidade de alunos(as), comportamento, participação nas aulas e relação professor aluno(a).



Foi possível observar o espaço da escola que não é um ambiente ideal para as aulas, pois fica em frente a todas as salas. Vale ressaltar que a escola é pequena e não tem quadra, o espaço que tinha disponível era no refeitório e era apenas um lado, pois o outro é feito o uso das mesas. A escola também possuía alguns materiais disponíveis para as atividades. O auxílio da professora supervisora e da professora de Educação Física foram primordiais para o planejamento das nossas atividades.

Período de Regência

As atividades eram planejadas de acordo com cada turma e com o espaço que tínhamos. A professora nos deixou à vontade sobre os conteúdos, pois quando chegamos ela já tinha encerrado o que estava passando pra eles, assim ficou ao nosso critério iniciarmos um conteúdo novo que ela não tinha trabalhado ainda. No 7º e 8º ano foi abordado o futsal e o 9º ano o voleibol, geralmente com uma aula teórica em sala sobre o conteúdo e uma aula prática.

Dentro do esporte (Futsal) foi apresentado em sala o histórico, regras e fundamentos e feito a relação do racismo, machismo e desvalorização de atletas mulheres no esporte, e na prática mesmo com o pouco espaço que tínhamos, ainda trabalhamos os fundamentos (passe, recepção, condução de bola e chute). No esporte (Voleibol) seguimos o mesmo sentido em sala, apresentando histórico, regras e fundamentos; na prática foi trabalhado os fundamentos, assim como foi levado o vôlei adaptado para se ter a vivência. Dividimos a turma em duas equipes e foi feito o vôlei sentado, utilizamos uma corda para representar a rede. De início os deixamos à vontade, e eles estavam querendo fazer suas próprias regras, por exemplo, sair do chão e ficar de cócoras, ficar só jogando a bola de um lado para o outro sem fazer o toque para suas respectivas equipes, sendo assim começamos a estipular as regras, a bola só poderia ser passada quando tivesse o toque de 3 pessoas, e as meninas pegarem na bola a cada rodada, sempre priorizando o lúdico.

Partimos do pressuposto da ludicidade, por ser uma ponte facilitadora da aprendizagem, pensando e questionando sobre a forma de ensinar, bem como relacionando a utilização do lúdico como fator motivante para o processo de ensino e aprendizagem durante as aulas (CAMPOS 1986).

Em relação a temática futsal o conteúdo era trabalhado, mas sem a bola apropriada, pois a escola não tinha, e utilizamos bolas de vôlei e handebol para todas as brincadeiras, visto que só tinham elas. Deste modo, sempre procuramos desenvolver as aulas da melhor forma possível, e mesmo com tudo aquilo que dificultava o processo, todas as aulas foram bem-sucedidas.

Percebemos que nas turmas 9º e 7º ano, os alunos interagem mais nas aulas quando eram práticas, já o 8º ano tinha pouca participação. Quando tinha a participação das professoras, ou seja, nos incluíamos nas atividades, era visto que os estudantes se sentiam mais à vontade em participar das aulas. A pouca participação era mais recorrente nas meninas do 7º ano, grande parte ficava dentro de sala em seus celulares. A professora chegou a dar UNO para os que não queriam participar, ela os deixava à vontade, e participava quem queria, até mesmo nas aulas observadas pelo grupo. Essa participação na maioria das vezes era assim, poucos faziam o que era proposto e planejado para aquela aula, os outros queriam a bola de vôlei para ficarem tocando, e a outra parte queria outra bola para rachinha ou qualquer outra brincadeira.

Quando nas aulas de Educação Física são trabalhados os conteúdos tradicionalmente considerados masculinos, como o futebol, há um grande índice de não participação feminina, e quando são trabalhados os conteúdos culturalmente considerados femininos, como a dança, o índice de participação masculina é baixo. Os padrões culturais influenciam na ação pedagógica do professor, resultando na distinção entre os conteúdos adequados para meninos daqueles adequados às meninas. Se a distinção entre meninos e meninas parte do próprio professor, os alunos dificilmente terão autonomia para promover as mudanças necessárias que favoreçam a participação de todos nas aulas de Educação Física. De acordo com Jesus e Deive (2004, p.322) “Se os corpos de meninos e meninas estão juntos nas salas de aula, também podem estar juntos na quadra”. A vergonha de exposição do corpo, associada à vergonha de “pagar mico” perante o grupo, são fatores que influenciam e inibem a prática de atividades físicas e esportivas (RAPHAEL, 2005). Esses fatores podem ajudar



a explicar diversos tipos de comportamento, como o desinteresse pela prática de modalidades esportivas para uns, e para outros possíveis atrasos no desenvolvimento motor. Assim acreditamos que a falta de interesse está relacionada aos padrões culturais que são reproduzidos nos conteúdos da EF escolar, como também por acharem que a disciplina não é relevante. Isso é afirmado por uma fala de uma aluna, a qual nos perguntou o que a EF iria influenciar na vida.

Outro fator a ser abordado, é uma questão muito visível no decorrer das aulas de Educação Física, a divisão por sexos. Na vivência do estágio, trabalhamos o toque do voleibol, no entanto, os meninos só tocavam entre eles. À vista disso, no intuito de tematizar essas questões pertinentes, buscamos fazer práticas inclusivas, no qual todos tinham a mesma dificuldade, como o vôlei sentado. Foram trazidas também atividades que trabalhassem os aspectos táticos e técnicos através de brincadeiras lúdicas, em que tinham uma maior interação entre eles, sempre desenvolvendo brincadeiras mistas. Nos cenários apresentados, o professor é um dos principais responsáveis pela motivação dos alunos. É necessário que ele crie meios para que seus alunos se sintam interessados pela sua aula, favorecendo um ambiente agradável e estimulante para poder atender as diferenças de interesses que existem entre os alunos.

Os(as) alunos(as) do 9º ano, facilitaram alguns processos de aulas, pelo fato de já estarem mais interativos e abertos aos diálogos. Dessa maneira, é importante que exista espaço para ouvi-los(as), posto que é necessário que exista essa troca, o qual possibilite a reflexão, autonomia de pensamento, criticidade, defesa de seus posicionamentos e a valorização das diferenças.

Nesse cenário, a relação professor-aluno é crucial para o desenvolvimento de ambas as partes, tendo sempre o cuidado e respeito na construção do conhecimento. Freire (1996) afirma que o ato de ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para a sua própria construção. A afetividade presente na relação do professor com o aluno é um elemento de construção do conhecimento, que ocorre com a troca de experiências e conhecimentos entre ambos.

Portanto, este Estágio para nós, futuros professores(as), é de relevância ímpar, pois só estando diretamente envolvidos no campo escolar é que podemos entender as atitudes, dificuldades, anseios e satisfações que o profissional da área pode vivenciar. Este nos proporcionou um contato efetivo com a realidade vivida no dia-a-dia da profissão e os desafios da prática docente.

CONCLUSÃO

Conclui-se que este Estágio Supervisionado foi um momento único de uma vivência magnífica enquanto acadêmicas, na qual buscou desenvolver relações de respeito entre nós estagiários/professores e alunos(as) e troca entre professor da escola/coordenação e nós estagiários/professores, que teve como objetivo enfatizar as dificuldades e influências por trás da não participação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental. Para tanto, houve boa aceitação e integração dos(as) alunos(as) com um despertar da criticidade e o desenvolvimento integral dos(as) estudantes. Portanto o estágio é de suma importância para o acadêmico, a fim de contribuir na vida do(a) aluno(a) da educação básica, assim como o empoderamento das estagiárias na práxis do ensino e aprendizagem, apresentando-se com base primordial para o crescimento profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade regional do Cariri – URCA nossa instituição de ensino, agradecemos também a escola (Dom quintino) e a professora de Educação Física da instituição por ter nos auxiliado e acolhido tão bem durante todo o período de estágio. Por fim, agradecemos à nossa professora supervisora Ana Clara Nunes por todo apoio e disponibilidade durante este processo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero:** Marias (e) homens na educação física. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CAMPOS, D. M. S. – **Psicologia da Aprendizagem.** 19º ed, Petrópolis: Vozes, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessarios a pratica educativa. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. **Representações de discentes sobre as aulas mistas e separadas por sexo na educação física escolar.** Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

RAPHAEL, M. L. Adesão de alunos de 5 a 8 serie do ensino fundamental as aulas de educação física. Anais XIV Combrace – Porto Alegre-2005.p.7.

SIQUEIRA, N. **Representações sociais de alunos sobre a transição do 5o para o 6o ano do ensino fundamental e a Educação Física.** 2019. 95 f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999.